

RÚSSIA

FEDERAÇÃO RUSSA

Chefe de Estado:	Dmitry Medvedev
Chefe de governo:	Vladimir Putin
Penal de morte:	abolicionista na prática
População:	142,8 milhões
Expectativa de vida:	68,8 anos
Mortalidade de crianças até 5 anos:	12,4 por mil
Taxa de Alfabetização:	99,6 por cento

Após os resultados das polémicas eleições, em dezembro, ocorreram manifestações em todo o país, bem como prisões de centenas de manifestantes pacíficos. Ao longo de todo o ano, a liberdade de reunião foi frequentemente desrespeitada no contexto dos protestos políticos, ambientais, sociais e de outras naturezas. Os meios de comunicação continuaram a funcionar num ambiente restrito. Membros de minorias religiosas enfrentaram perseguição, e persistiram as preocupações com o uso arbitrário da legislação contra o extremismo. Defensores de direitos humanos e jornalistas continuaram a sofrer pressões, e a maioria das investigações sobre agressões no passado não obteve progresso. As denúncias de tortura continuaram a ser frequentes, apesar de algumas reformas superficiais na polícia. A situação da segurança no norte do Cáucaso continuou instável, e sérios abusos de direitos humanos foram cometidos tanto por grupos armados como por agentes da segurança pública.

Antecedentes

Os altos preços do petróleo e os gastos significativos do governo para estimular a economia permitiram que a Rússia apresentasse taxas de crescimento relativamente altas no final do ano. Contudo, as prioridades anunciadas pelo Estado para a continuidade da modernização, para o combate à corrupção e para reformas no sistema judiciário criminal mostraram poucos resultados tangíveis.

Após as eleições parlamentares marcadas por denúncias generalizadas e numerosos exemplos documentados de fraude eleitoral, o partido do governo Rússia Unida retornou ao poder, em dezembro, com uma maioria significativamente reduzida.

Os resultados parecem indicar uma exigência crescente por liberdades civis e políticas e por direitos sociais e económicos, ao contrário da estabilidade prometida – e em grande parte cumprida – pela “dupla” Putin/Medvedev.

As manifestações que se seguiram às eleições cresceram a ponto de se tornarem as maiores já vistas no país desde o colapso da União Soviética. Os protestos aproveitaram a crescente participação cívica verificada ao longo do ano – de indivíduos, grupos de interesse e comunidades locais – em torno de questões como a corrupção, a redução das políticas de bem-estar social, os abusos da polícia e o meio ambiente.

A TV e outros meios de comunicação de massa continuaram a seguir a orientação oficial. Críticas públicas mais duras às autoridades estiveram, na sua maioria, confinadas aos meios de comunicação impressos de menor tiragem e à internet, que continua a ganhar influência.

Liberdade de reunião

As autoridades continuaram a restringir a liberdade de reunião dos movimentos mais críticos da sociedade civil, mas algumas manifestações públicas, proibidas em anos anteriores, foram permitidas. Todavia, numerosos protestos foram proibidos, e várias pessoas envolvidas em manifestações políticas pacíficas foram detidas em diversas ocasiões – algumas de "forma preventiva" (a caminho dos protestos) – sendo, frequentemente, sentenciadas a prisão administrativa.

Várias manifestações pacíficas espontâneas ocorreram em todo o país nos dias que se seguiram às polémicas eleições parlamentares de 4 de dezembro. Mais de mil manifestantes foram presos e mais de cem foram condenados a prisão administrativa mediante processos que, frequentemente, violavam as normas para julgamentos justos. Protestos autorizados posteriormente, a 10 e 24 de dezembro, reuniram mais de 50 mil manifestantes em Moscovo e dezenas de milhares noutras partes do país, terminando pacificamente.

Ativistas dos direitos das lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros (LGBT) continuaram a enfrentar perseguição e agressões. As tentativas de organizar marchas do orgulho gay e pró-direitos LGBT, em Moscovo e São Petersburgo, foram proibidas e rapidamente dispersadas pela polícia.

■ Sergei Udaltsov, líder do movimento Frente de Esquerda, foi detido mais de uma dezena de vezes em Moscovo quando tentava protestar pacificamente contra as políticas governamentais. Foi condenado diversas vezes por crimes administrativos como "desobediência a ordens legais de polícias" e terminou o ano detido, depois de ser preso, a 4 de dezembro, por participar nos protestos pós-eleitorais.

Liberdade de expressão

O controlo estatal das redes de televisão e outros meios de comunicação de massa permaneceu forte. A importância da internet como forma alternativa de informação e fórum para a troca de comentários e opiniões continuou a crescer. Embora a internet continue a estar relativamente livre da interferência estatal, muitos sites e blogs famosos que estavam a noticiar os abusos eleitorais foram bloqueados por ataques, tanto antes como logo depois das eleições parlamentares de dezembro.

Os jornalistas continuaram a sofrer ameaças e agressões físicas por escreverem sobre temas politicamente delicados, como a corrupção. Poucas vezes esses ataques foram efetivamente investigados ou resultaram em processos.

A legislação anti extremismo foi frequentemente utilizada de forma arbitrária para tomar medidas drásticas contra aqueles que são críticos das autoridades. Em resposta, o Supremo Tribunal emitiu um acórdão, em junho, estabelecendo que a crítica às autoridades governamentais ou a políticos não constitui incitamento ao ódio ao abrigo da legislação contra o extremismo. As minorias religiosas como grupos muçulmanos não tradicionais e Testemunhas de Jeová continuaram a enfrentar perseguição. Leis banindo "propaganda de homossexualidade entre menores" foram adotadas na região de Arkhangelsk. Um avanço foi a descriminalização da difamação, ocorrida ao final do ano.

■ A 15 de dezembro, o proeminente jornalista Khadzhimurad Kamalov, fundador e editor do semanário independente do Daguestão *Chernovik*, famoso pelas suas reportagens críticas, foi assassinado a tiro à saída de seu escritório, em Makhachkala, no Daguestão. Durante anos, os funcionários do *Chernovik* têm sofrido intimidação e perseguição por parte das autoridades locais.

■ A investigação sobre o violento ataque sofrido pelo jornalista Oleg Kashin, em novembro de 2010, não teve qualquer resultado até o final do ano, apesar das promessas de altos funcionários russos de levar os criminosos a responder perante a Justiça.

■ Durante o ano, vários seguidores do teólogo turco Said Nursi foram acusados de filiação à organização Nurdzhular, considerada extremista e proibida na Rússia. Alguns foram sentenciados à prisão. Os acusados alegam que nunca ouviram falar da organização.

■ Em dezembro, Aleksandr Kalistratov, que é Testemunha de Jeová, foi absolvido pelo Supremo Tribunal da República de Altai de incitamento ao ódio contra outros grupos religiosos. Ele tinha sido condenado, em outubro, por um tribunal de instância inferior, por distribuir panfletos sobre as Testemunhas de Jeová.

Defensores dos direitos humanos

Regulamentos restritivos impostos às ONG em anos anteriores abrandaram parcialmente, e uma decisão do Tribunal de Instância Superior de Arbitragem suprimiu algumas restrições ao financiamento internacional para as ONG. Entretanto, defensores dos direitos humanos e jornalistas continuaram a enfrentar perseguição e ameaças, inclusive por parte de agentes cujos delitos foram por eles expostos. A maioria das investigações sobre casos passados de assassinatos e de agressões físicas de defensores de direitos humanos, jornalistas e advogados continua parada ou pouco avançou.

■ Em junho, um tribunal de Moscovo absolveu Oleg Orlov, responsável pelo centro de direitos humanos Memorial, do crime de difamação. O presidente da República da Chechénia, Ramzan Kadyrov, apontado por Oleg Orlov como responsável pelo assassinato de Natalia Estemirova, apelou da decisão, mas a ofensa de calúnia foi descriminalizada posteriormente, e as acusações foram retiradas.

■ Em julho, um grupo de defensores dos direitos humanos publicou um relatório sobre o assassinato de sua colega, Natalia Estemirova, em julho de 2009. O documento chamava a atenção para as numerosas omissões e inconsistências da investigação oficial e concluía que as pistas ligando o homicídio a agentes chechenos da segurança pública não foram plenamente investigadas. Após esta publicação, o Chefe do Comité de Investigação prometeu que todas as ligações com o assassinato seriam exploradas, mas não revelou qualquer outra informação até o fim do ano.

■ Uma nova investigação sobre o assassinato da jornalista Anna Politkovskaya, em 2006, levou à prisão, em junho e agosto, de dois novos suspeitos, um deles pelo assassinato. Dois outros, incluindo um dos absolvidos em 2009, continuam a cumprir pena por outros crimes.

■ Em maio, um tribunal de Moscovo condenou dois ativistas de extrema-direita (um a prisão perpétua e outro a 18 anos de prisão) pelo assassinato do advogado Stanislav Markelov e da jornalista Anastasia Baburova, em janeiro de 2009.

Tortura e outros maus-tratos

A nova lei relativa à polícia, que entrou em vigor em março, introduziu a avaliação formal de todos os polícias e reduziu o seu número. Todavia, não foram adotados novos dispositivos substanciais para fortalecer a responsabilização da polícia ou para combater a impunidade por violações cometidas por agentes encarregues da aplicação da lei, e os benefícios da lei continuaram difíceis de alcançar. Denúncias de tortura e de outras formas de maus-tratos permaneceram generalizadas; porém, poucas vezes foram efetivamente investigadas. Relatos de tortura e de outros maus tratos continuaram generalizados. As alegações de maus tratos raramente foram investigadas e os ferimentos resultantes desvalorizados e considerados como resultado do uso legítimo da força. Foram poucos os processos instaurados contra os denunciados. A negação de acesso a cuidados médicos adequados sob custódia foi amplamente denunciada e foi alegadamente usada como forma de extrair confissões. Os prisioneiros condenados frequentemente alegaram terem sido submetidos a violência, tanto por parte dos guardas prisionais como dos outros presos, logo após terem chegado à prisão.

■ O julgamento de dois polícias acusados de abuso de poder, incluindo em relação à detenção ilegal e à tortura de Zelimkhan Chitigov, em abril de 2010, começou em setembro. Tratou-se do primeiro caso desse tipo a chegar aos tribunais na Inguchétia. Segundo informações, muitos dos que testemunharam contra os dois polícias foram submetidos a uma campanha de pressão e intimidação.

■ Armen Sargsyan foi detido em Orenburg, a 18 de novembro, como suspeito num caso de roubo, e morreu horas depois, segundo a polícia, de um ataque cardíaco. A família apresentou fotos de seu cadáver mostrando ferimentos na cabeça e noutras partes do corpo. No final do ano, dois polícias foram presos por envolvimento nesta morte, outros dois estavam sob investigação, e vários comandantes sofreram medidas disciplinares.

Julgamentos injustos

Apesar das atuais tentativas para melhorar a eficácia e a independência do poder Judiciário, denúncias de interferência política, corrupção e conluio de juízes, promotores e agentes encarregues da aplicação da lei continuaram a resultar em frequentes denúncias de julgamentos injustos.

■ Em maio, o Tribunal da Cidade de Moscovo manteve a segunda condenação de Mikhail Khodorkovsky e Platon Lebedev. As suas reiteradas condenações baseadas em acusações que quase não se distinguem das dos julgamentos anteriores, após procedimentos judiciais profundamente viciados, levaram a Amnistia Internacional a considerá-los prisioneiros de consciência. Apesar das longas penas de prisão, ambos puderam requerer a liberdade condicional no final de 2011. No entanto, tiveram o pedido negado.

Insegurança no norte do Cáucaso

A situação de segurança no norte do Cáucaso continua instável e irregular. Grupos armados continuaram a ter como alvo funcionários da justiça e polícias, com os civis a ficarem no meio do fogo cruzado e, algumas vezes, a ser deliberadamente atacados. As operações das forças de segurança em toda a região foram frequentemente acompanhadas de graves violações de direitos humanos. Ocorreram denúncias de intimidação de testemunhas e de perseguição e assassinato de jornalistas, ativistas de direitos humanos e advogados.

Chechénia

Continuou a rápida reconstrução da Chechénia, após o conflito, devido ao grande volume de financiamento federal, embora o desemprego permaneça um problema. A atividade de grupos armados declinou em comparação com outras regiões do norte do Cáucaso. As operações de manutenção da lei continuaram a originar denúncias de sérias violações de direitos humanos. Numa carta para a ONG de direitos humanos *Comité Inter-regional contra a Tortura*, um procurador sénior da Chechénia reconheceu que as investigações sobre os desaparecimentos forçados naquela república são ineficazes.

A comunidade local de direitos humanos prosseguiu com uma ferida aberta devido ao assassinato não resolvido de Natalia Estemirova, em 2009. Além disso, enfrentou intimidação e perseguição.

■ A 9 de maio, o mecânico de automóveis Tamerlan Suleimanov foi sequestrado, sob a ameaça de arma de fogo, de seu local de trabalho, em Grozny, por diversos homens que se acredita serem polícias. Testemunhas oculares forneceram um relato completo do incidente às autoridades. Um inquérito foi aberto a 18 de maio, mas o caso permanecia sem solução.

■ Em junho, Supian Baskhanov e Magomed Alamov, ambos do *Comité Inter-regional contra a Tortura*, foram detidos após um piquete, oficialmente autorizado, contra a tortura em Grozny. Receberam reiteradas ameaças informais por parte de polícias locais devido ao seu reconhecido trabalho a favor dos direitos humanos.

■ Prosseguiu a investigação sobre a detenção secreta e denúncias de tortura de Islam Umarpashaev por parte de polícias, durante quatro meses, a partir de dezembro de 2009. Segundo informações, sua família e o grupo de agentes federais de investigação receberam ameaças diretas de um polícia checheno. A polícia local recusou-se sistematicamente a cooperar com a investigação, e os suspeitos continuaram a exercer as suas funções.

■ Durante o ano, as autoridades da Chechénia desalojaram mais de cem famílias, deslocadas durante o conflito, de acampamentos temporários em Grozny. Muitos dos desalojados foram notificados com apenas 48 horas de antecedência e não receberam oferta de alojamento alternativo. Alguns denunciaram terem sido forçados por homens armados a assinar declarações em como estavam a sair voluntariamente do local.

O ressurgimento das "tradições chechenas", ativamente promovido pelo presidente da República da Chechénia, Ramzan Kadyrov, resultou num aumento das desigualdades de género e da vulnerabilidade de mulheres e meninas à violência doméstica e sexual.

Zarema (nome fictício) disse à Amnistia Internacional que durante vários anos foi sistematicamente submetida a violência sexual por um parente próximo. Casou-se em 2010 e mudou-se para Grozny, mas o marido agredia-a. Em junho de 2011, tentou mudar-se para a casa de avó, mas os seus irmãos devolveram-na ao marido. Zarema procurou a ajuda do Muftiato (autoridade espiritual muçulmana) e da comissão governamental para resolver os conflitos familiares, mas ambos disseram-lhe para obedecer ao marido. No final de 2011, em estado adiantado de gravidez, deixou a sua casa e escondeu-se fora da Chechénia, com medo de que, após o parto, o marido a devolvesse a seus irmãos, que tinham prometido matá-la.

Daguestão

Grupos armados continuaram a atacar agentes de segurança, membros das administrações locais e figuras públicas proeminentes, incluindo mulás que pregam o

Islão tradicional. Operações de manutenção da lei resultaram em várias denúncias de desaparecimentos forçados, de execuções extrajudiciais e de tortura. Violações passadas, nas quais agentes de segurança do Estado estariam implicados, não foram prontamente investigadas nem deram origem a processos.

■ A 26 de agosto, os irmãos Zaur e Kamilpasha Gasanov e seu pai, Murad, foram detidos enquanto trabalhavam, no território vizinho de Stavropol. O pai foi libertado, e Kamilpasha, segundo informações, foi agredido e depois expulso da cidade no mesmo dia. Zaur Gasanov permaneceu sob custódia, suspeito de estar envolvido num ataque contra a polícia, e foi transferido para o Daguestão, onde, segundo denúncias, foi agredido e submetido a choques elétricos. Inicialmente, foi impedido de se encontrar com o seu advogado, segundo relatos sob pretexto de que este possuía barba e, portanto, poderia ser membro de um grupo armado.

■ Em maio, três polícias, acusados de torturar Makhmud Akhmedov, de 14 anos de idade, em julho de 2010, tiveram as suas sentenças de prisão suspensas. A família queixou-se ao tribunal de que tinha sido perseguida e intimidada durante as investigações e audiências do tribunal e que considerava as sentenças demasiado brandas. Após uma revisão judicial, o caso foi reaberto para investigações adicionais.

Inguchétia

A situação da segurança na Inguchétia parecia ter melhorado de forma significativa no início do ano. Contudo, ataques de grupos armados e denúncias de sérias violações de direitos humanos por agentes de segurança, particularmente desaparecimentos forçados, aumentaram nos últimos meses.

■ Ilez Gorchkhanov desapareceu, a 21 de março, durante uma viagem de carro. Testemunhas relataram tê-lo visto a ser sequestrado por aproximadamente 15 homens armados e mascarados, no centro de Nazran. As autoridades da Inguchétia negaram ter qualquer envolvimento no sequestro. O corpo de Ilez Gorchkhanov foi encontrado a 19 de abril.

■ A 23 de março, cerca de 80 manifestantes bloquearam uma estrada em Nazran, exigindo a verdade sobre o destino de Ilez Gorchkhanov e exigindo o fim dos desaparecimentos forçados; a polícia dispersou-os. Mais tarde, no mesmo dia, o ativista da sociedade civil Magomed Khazbiev e seus dois irmãos foram presos em sua casa em Nazran, por "desobedecerem a ordens policiais" durante o referido protesto. Magomed Khazbiev disse que foi agredido; a gravação da CCTV mostrava-o a ser trancado no porta-bagagens de um carro por polícias mascarados durante a sua prisão.

Cabardino-Balcária

Em fevereiro, dois ataques de grupos armados contra alvos civis, num *resort* turístico na região de Elbrus, resultaram em três mortes. Dezenas de suspeitos de serem membros do grupo armado foram mortos nas operações de segurança que se seguiram e muitos foram presos. Ocorreram repetidas denúncias de desaparecimentos forçados e de tortura por parte de agentes de segurança.

■ A família de Murat Bedzhiev relatou o seu desaparecimento em Tyrnyauz, a 25 de junho. As autoridades, inicialmente, negaram a sua prisão, mas admitiram-na dois dias depois. Um relatório do hospital local confirmou que uma ambulância foi chamada três vezes ao centro de detenção para atendê-lo, entre 27 e 28 de junho, e documentou contusões e sérios ferimentos na cabeça.

Ossétia do Norte

Houve incidentes esporádicos de violência. Forças de segurança encarregues da aplicação da lei locais e federais na Ossétia do Norte lançaram operações de segurança nessa república e na vizinha Inguchétia, as quais resultaram, segundo informações, em numerosas violações de direitos humanos.

■ A 18 de março, na localidade de Chermen, os adolescentes Ruslan Timurziev e Imeir Dzaurov teriam sido agredidos à coronhada de espingardas, por aproximadamente 15 militares, na presença de diversas testemunhas. Os militares passavam pela localidade em duas carrinhas; saíram dos carros e urinaram próximo de uma residência privada. Os adolescentes protestaram e os militares agrediram-nos tão violentamente que precisaram de atendimento hospitalar. Os seus familiares apresentaram repetidas queixas às autoridades, mas sem sucesso.

Visitas/relatórios da AI

✉ Representantes da Amnistia Internacional visitaram a Federação Russa em maio e junho de 2011.

📄 Briefing to the Human Rights Committee on follow-up to the concluding observations on Russia's sixth periodic report under the International Covenant for Civil and Political Rights (EUR 46/007/2011)

📄 Beaten up for speaking out: attacks on human rights defenders in the Russian Federation (EUR 46/038/2011)